

“APANHAR UM ALFINETE POR AMOR PODE SALVAR UMA ALMA”¹ TESTEMUNHO SOBRE O MAGISTÉRIO DE MARIA HELENA DA ROCHA PEREIRA

**“PICKING UP A PIN FOR LOVE CAN SAVE A SOUL”
TESTIMONY ON THE TEACHING OF MARIA HELENA DA ROCHA
PEREIRA**

TEREZA VIRGÍNIA RIBEIRO BARBOSA
UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS - FACULDADE DE LETRAS
TEREZA.VIRGINIA.RIBEIRO.BARBOSA@GMAIL.COM
[HTTPS://ORCID.ORG/0000-0001-8449-0411](https://orcid.org/0000-0001-8449-0411)

153

TEXTO RECEBIDO EM / TEXT SUBMITTED ON: 06/01/2022

TEXTO APROVADO EM / TEXT APPROVED ON: 20/07/2022

Resumo: Este depoimento se faz como forma de prestar homenagem a helenista portuguesa Maria Helena da Rocha Pereira. Trata-se de um relato livre, a modo de testemunho, sobre o método de orientação da professora Rocha Pereira² (* Cedofeita, Porto, 3 de setembro de 1925 † Porto, 10 de abril de 2017), a primeira mulher a se formar Doutora pela Universidade de Coimbra, cujo corpo docente era tradicionalmente

1 O título do depoimento tem ligação direta com a frase de Martin 2002: 395, no original, a saber: “Ramasser une epingle par amour peut sauver une âme”.

2 Vale a pena ver: <https://www.youtube.com/watch?v=thQfsQUjGsc>.

formado por homens. A partir da reflexão e de análises retrospectivas de centenas de cartas trocadas, propomos que seu método para conosco poderia se resumir na seguinte frase: “ramasser une épingle par amour peut sauver une âme”. A busca da perfeição no cumprimento da tarefa de guiar os estudantes, desde os detalhes, foi uma prática da Professora Rocha Pereira. Seu método se aplicou sobre a autora deste texto, nas etapas de mestrado, doutorado e, até mesmo, em 2006, no pós-doutorado, no qual a estudiosa trabalhou em parceria com a Professora Filomena Hirata (USP).

Palavras-chave: acompanhamento acadêmico, filologia clássica, Homero, literatura, educação.

Abstract: This statement is made as a tribute to the Portuguese Hellenist Maria Helena da Rocha Pereira. It is a free account, by way of testimony, on the method of guidance of Professor Rocha Pereira (* Cedofeita, Porto, September 3, 1925 † Porto, April 10, 2017), the first woman to graduate with a PhD from the University of Coimbra, whose faculty was traditionally made up of men. From reflection and retrospective analysis of hundreds of letters exchanged, we propose that her method towards us could be summed up in the following phrase “ramasser une épingle par amour peut sauver une âme”. The search for perfection in fulfilling the task of guiding students, right from the details, was a practice of Professor Rocha Pereira. Her method was applied to the author of this text, in the stages of master’s degree, doctorate and even, in 2006, post-doctorate, in which the scholar worked in partnership with Professor Filomena Hirata (USP).

Keywords: academic follow-up, classical philology, Homer, literature, education.

Não somos memorialistas, mas podemos rememorar ações pedagógicas bem-sucedidas vividas num percurso de trinta e quatro anos com uma das mais eminentes helenistas de todos os tempos: Maria

Helena da Rocha Pereira. De fato, em parte devido a sua dedicação e cuidado, tivemos a sorte de percorrer uma trajetória acadêmica venturosa, conduzida e amparada por ela, principalmente de 1983 em diante.

Foi um empreendimento feliz, e com essa formulação pressupomos tudo o mais, porque fomos delicadamente formados por muitos. Inicialmente, pela comunidade da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) – rememorem-se os Professores Rubens dos Santos, Oscarino da Silva Ivo, Johnny Mafra, Lélia Duarte, Ruth Silviano Brandão, Vanda Bittencourt, Marco Antônio de Oliveira... –, seja no curso de Língua, Linguística e Literatura Brasileira e Portuguesa, seja no Grego. E insistimos com o “fomos”, não com o “fui”.

Sim, carece realçar aqui que, ao utilizarmos a primeira pessoa do plural para a redação deste relato e de todos os trabalhos acadêmicos que ordinariamente escrevemos, não estamos, apenas, assumindo uma convenção, mero plural majestático ou, ainda, um pífio plural de modéstia. A “formalidade” se deve ao fato de que temos convicção de que o exercício da ciência (e, seguindo Aristóteles, julgamos que a arte é também um modo de pesquisa e conhecimento) é sempre coletivo. Na prática de estudo e pesquisa, estamos sempre reforçando ou rechaçando escolhas, posições, ideias, discursos. Conversamos, discutimos, copiamos e rejeitamos vivos e mortos em todo tipo de documentos: os falsos e os fidedignos. Este é o trabalho acadêmico que praticamos. Portanto, ao escrever “somos”, entendemos que um “eu” se associa a toda uma bibliografia por detrás dele. Aprendemos a buscar e a conferir, a indagar, duvidar, errar e acertar e, deste modo, concluímos que todo produto de ciência e arte é o lugar de um nó(s) bem tramado, de laços teóricos (objetivos e subjetivos) e afetivos orquestrados.

Decerto é preciso levar em conta, no âmbito da arte, da pesquisa e da educação, que análises objetivas, argumentos críticos e leis draconianas devem ser permeados, flexibilizados e enriquecidos de boas doses de subjetividade e afeto; caso contrário, pode ser que percamos

o material humano único e irrepetível que está a ser formado em nossas mãos. Assim há, para cada caso, um método.

Desse modo, o material aqui apresentado – o qual julgamos temerário dissecar criticamente, visto não haver o necessário distanciamento afetivo dos envolvidos – pretende apenas tangenciar o aspecto memorialístico, voltando-se mais detidamente para o processo afetivo-laboral em rede (particularmente aquele que se desenvolveu no âmbito ibero-brasileiro e que contribuiu, assaz eficazmente, para a evolução e consolidação dos Estudos Clássicos no Brasil). Nele, se inclui o conhecimento direcionado, orientado, acompanhado para o nível de pós-graduação.

Escolhemos falar de uma só pessoa, a Professora Maria Helena da Rocha Pereira, da Universidade de Coimbra, a qual, talvez, não tivesse jamais nos alcançado sem um convite oficial para atuar como professora visitante no antigo Departamento de Letras Clássicas da Faculdade de Letras da UFMG (FALE-UFMG). A iniciativa foi do colega (e amigo querido) Jacyntho Lins Brandão, o qual, por sua vez, evitando despesas acima do possível para nosso pequeno Departamento com seu diminuto orçamento, contou com a parceria – na oferta de hospedagem, na própria casa, durante aproximadamente dois meses – da Professora Neiva Ferreira Pinto, também atuante no mesmo setor. Foi assim, pelas mãos desses dois classicistas, por *phília*, que se inaugurou uma colaboração profissional que se manteve de 1983 até 2017, quando, aos 10 de abril, Maria Helena da Rocha Pereira partiu para a sua própria “felicidade no além”.³

Deveríamos prestar crédito a muitíssimos outros que intervieram em nossa formação no nível de pós-graduação, entre eles os Professores Eunice Pontes (linguista e analista do discurso, estudiosa da topicalização), John Robert Haj Ross (linguista, sintaticista e semanticista), Alceu Dias Lima (linguista e latinista), Daisi Malhadas (helenista,

³ *Concepções helénicas de felicidade no além: de Homero a Platão* é o título da tese de doutoramento da Professora. Defendeu-a em Coimbra em 1955, um ano antes do nascimento da autora deste texto.

teórica do drama e estudiosa da língua grega), Maria Helena de Moura Neves (helenista e linguista), Filomena Hirata (helenista e teórica do drama), se fôssemos verdadeiramente memorialistas, mas tal competência não a temos. Mencionamos, no entanto, ainda que com brevidade, a importância e repercussão de cada um dos professores mencionados na formação e condução profissional da helenista que escreve este relato.

HOMENAGENS MARGINAIS

A influência de E. Pontes no nosso trabalho é marcante. Ainda hoje sua pesquisa sobre topicalização tem relevância nas nossas traduções do grego, língua que dispensa, graças ao sistema de casos, a rígida ordem sujeito-verbo-objeto (SVO) estabelecida pelo português padrão. Utilizamos, com frequência, a topicalização como marcador discursivo. Alguns menos afeitos aos estudos linguísticos veem com ressalvas esse fenômeno, nomeando-o como “inversão”. Por mostrar a expressividade desse elemento, o estudo, nesse aspeto, continua relevante e necessário.⁴

John Robert Ross, autor de *Constraints on variables in syntax* (1967), atentou, como sintacista, sobretudo para a riqueza de admitir-se a possibilidade de uma sintaxe variável. Partindo do gerativismo, ele acolhe e propaga uma forte influência de George Lakoff e Roman Jakobson, leituras a que igualmente recorreremos em nossas traduções (particularmente para realçar as ambiguidades de sentido nos textos dos dramaturgos gregos trágicos do século V a.C.), hipotetizando, regularmente, a factibilidade da *teoria das variáveis* na expressão escrita dos antigos. Ross, porém, é um educador pleno, voltado para as questões éticas e práticas da vida bem mais largas que sintaxe e semântica:

4 Cf. também: Pontes, E. 1987, *Da importância do tópico em português*. Campinas.

“While I am getting close to explaining what I try to teach, I realize that I am still far off. I teach syntax, or poetics (‘two’ endeavors which I think should be seen as interpenetratingly one) not in the hope that any student will arrive at only theories of language, but instead theories of whatever field is deepest within them and truest of them. My own work, as a syntactician or as a poético, is only to serve as an example of something which whatever they may end up coming around to may look vaguely similar to. At the end of the day, I am really only interested in helping anyone who comes to learn with me to arrive at the deepest and truest understanding of themselves.

So why to syntax? Because it is one way to a deeply felt beauty, and because it may start an itch in you the scratching of which may lead you to find something from way deep within you which will give you as much joy as syntax has given me. Syntax is an art form which has resonated in my core – I try to show you the beauties I see in it so that you will seek to find or invent a form of art which lies as deeply within you.”⁵

158

Alceu Dias Lima, linguista, latinista e professor, se preocupa com o ensino do latim e do português respeitando a variedade linguística dos múltiplos falares de cada língua, abrindo-se para a interdisciplinaridade e os estudos culturais. Sua pesquisa foi fundamental para nossas traduções de Homero com seus dialetos e metaplasmos. Lima é autor de *Uma estranha língua? Questões de linguagem e de método* (1995).

Devemos a Daisi Malhadas a iniciação nos estudos de lexicografia (embora não seja pouco significativa sua ação formadora nos nossos estudos de teatro). A ela devemos também a participação no *Dicionário*

⁵ Disponível na página pessoal do professor (haj@unt.edu): <http://haj.nadamelhor.com/> cf. também: <http://www-personal.umich.edu/~jlawler/hajpapers.html> / Acesso em 29 jul. 2021.

Grego-Português (DGP – Ateliê Editorial), trabalho demorado, minucioso e gratificante coordenado por Malhadas, Maria Celeste Consolin Dezotti e Maria Helena de Moura Neves (*31/01/1931 † 17/12/2022).

Esta última, embora brasileira, foi-nos apresentada pela Doutora Rocha Pereira. Conhecemo-la em Coimbra, num passeio exclusivo oferecido pela Professora conimbricense para nos apresentar o sítio arqueológico de Conímbriga, atividade de lazer que se materializou em uma verdadeira aula magistral. Mais tarde, Moura Neves e eu nos engajamos na empreitada do DPG, ocasião em que aprendemos o trabalho coletivo sincronizado. Entretanto, foi, sem dúvida, o trabalho de Moura Neves na *linguística funcional* e na *gramática de uso* que se mostrou basilar para nossas traduções de teatro. Citamos Neves (1994: 112; 113 e 125, respectivamente):

“Gramática funcional é uma teoria geral da organização gramatical de línguas naturais que procura integrar-se em uma teoria global de interação social. (...) A gramática funcional considera, afinal, a competência comunicativa, isto é, a capacidade que os indivíduos têm não apenas de codificar e decodificar expressões, mas também de usar e interpretar essas expressões de uma maneira interacionalmente satisfatória. (...) Ela é funcional porque não separa o sistema linguístico e suas peças das funções que têm de preencher, e é dinâmica porque reconhece, na instabilidade da relação entre estrutura e função, a força dinâmica que está por detrás do constante desenvolvimento da linguagem.”

159

Além deste viés de pesquisa, a funcionalista ensinou-nos o trabalho prático de lexicografia e a importância de observar a funcionalidade e o uso da língua nos seus variados gêneros textuais. Alargamos o escopo da estudiosa e aplicamos sua teoria ao propor a tradução funcional de teatro, ou, em outros termos, a

tradução cênica de teatro antigo. Finalmente, e para arrematar estas brevíssimas homenagens marginais, nomeamos Filomena Hirata, a ela – juntamente com Rocha Pereira – devemos, como supervisoras de pós-doutorado, a tradução de *Ikneutas* de Sófocles. Hirata, com o perfil uspiano de exigência, nos acompanhou verso a verso, ela e a Doutora Rocha Pereira.

UM PASSEIO INVESTIGATIVO: CONÍMBRIGA, 19 DE ABRIL DE 1994

Retomemos o curso e propósito do texto. Deixamo-nos extravasar porque, como se sabe, é concedido, no gênero testemunho, erigir a memória afetiva como uma representação mimética e, nela, até os *gaps* e a dispersão são simbólicos. Passemos. O que vale nestas notas memorialísticas são os documentos: as cartas de acompanhamento de trabalho acadêmico e as fotos de uma filóloga, guiando um grupo em um sítio arqueológico. Ver-se-á Rocha Pereira ladeada por duas “linguistas ícone no Brasil” e eu, indecisa, ainda meio sem saber a quem seguir (ao fim e ao cabo venceu a filóloga). A nossa opinião pouco importa, tem valor somente o compartilhamento desse tesouro guardado e um critério de valor, o que é o tema do texto, a saber, o de que é possível se afeiçoar aos mestres de tal forma que eles, mesmo diferentes, distantes e, no nosso caso, em uma interação limitada a cartas escritas à mão, acabam por direcionar efetivamente a nossa vida profissional e, também, pessoal.

As fotos exibem o que se passou: a Doutora Rocha Pereira, devagar e religiosamente, fez que nos convertêsemos, de aspirante a linguista apaixonada para helenista moderada. Deste modo, ela fortaleceu, fortemente, os Estudos Clássicos, nos trópicos e, particularmente, no Brasil.



Da esquerda para a direita:

Maria Tereza C. Biderman;⁶ T. V. Ribeiro
Barbosa; Maria Helena da Rocha Pereira;
Maria Helena de Moura Neves.



Da esquerda para a direita: T. V.

Ribeiro Barbosa; Maria Helena da Rocha
Pereira; Maria Tereza C. Biderman;
Maria Helena de Moura Neves.

ALFINETES, AGULHAS E LINHAS

Concentremo-nos, portanto, na figura mestra emblemática, agulha machadiana⁷ que abriu caminhos para muitos e que, conosco, recortou, costurou e descartou textos que nos constituíram e que resultaram em pesquisas de toda uma vida.

Com clareza, generosidade e discrição, Rocha Pereira atuou, junto aos Professores Eunice Pontes e John Robert Haj Ross, que me guiaram no mestrado; lado a lado com Alceu Dias Lima, que o fez no doutorado, e com Filomena Hirata, como dissemos, no pós-doutoramento.

Nossa formadora portuguesa tinha uma voz grave, solene e modulada, voz de musa, olhos glaucos de Atena; serenidade e firmeza. Gostava de suco de laranja e de pezinhos de porco; vestia-se elegantemente, usava saltinho baixo, pasta de mão e andava devagar; parecia que nunca tinha pressa, guardava um ar sereno e contemplativo. Podia

6 (*1936 – †2008) Lexicógrafa, professora da UNESP – Araraquara.

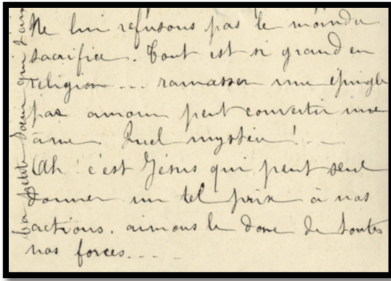
7 Referimo-nos à obra *Um apólogo* de Machado de Assis.

passar passeando um dia inteiro sem comer: em meu país, palmilhou Sabará, Ouro Preto, o Caraça, Congonhas e Diamantina comigo; em Portugal, estivemos juntas em Conímbriga, na freguesia de Santa Clara, na Quinta das Lágrimas e na Lisboa Subterrânea. Passeios inesquecíveis. “Perde-se muito tempo cozinhando e comendo”, dizia.

Professora Maria Helena materializava bem um ideal pouco alcançável no Brasil de idos de 1980. Veio pela primeira vez esmiuçando o Canto 1 da *Iliada* de Homero: dois meses de estudo e análise. Todo o departamento assistiu a suas aulas: professores auxiliares, como eu, assistentes e adjuntos. Tínhamos pouco em comum: ela guardava uma nobreza acadêmica ibero-inglesa conjugada a um refinamento e a uma erudição teuto-filológicos espantosos.⁸

Contudo, apesar das grandes diferenças entre a Doutora e o meu eu singular, um elo nos prendia indelevelmente: o gosto cada vez mais concreto pelos detalhes; com ele vinha inevitavelmente o cultivo, também, dos pequeninos sacrifícios, disciplinas, práticas, fervores. Desse diminuto universo o salto para a *pequena via*, de Maria Francisca Teresa Martin Guérin, foi um passo inequívoco e efetivo que se deu da academia para a vida inteira, cuja proposta pode ser substanciada na frase (título deste artigo) que retiramos de uma carta de 18 de maio de 1894 da religiosa francesa a Leônia Martin, sua irmã: “... ramasser une épingle par amour peut sauver une âme.” (LT, 164)

⁸ Rocha Pereira foi responsável pela *Pausaniae Graeciae Descriptio* da Editora Teubner (1977).



Não lhe recusemos o menor sacrifício. Tudo é tão grande em religião... Apanhar um alfinete por amor pode converter uma alma. Que mistério! Ah! Só Jesus pode dar um tal valor às nossas ações...

Amemo-lo, então, com todas as nossas forças!

Tradução da Paulus Editora:

2002: 395. [https://www.](https://www.archives-carmel-lisieux.fr/english/carmel/index.php/lt-161-a-170)

[archives-carmel-lisieux.fr/english/carmel/index.php/](https://www.archives-carmel-lisieux.fr/english/carmel/index.php/lt-161-a-170)

[lt-161-a-170](https://www.archives-carmel-lisieux.fr/english/carmel/index.php/lt-161-a-170)

De forma geral, podemos dizer que *la petite vie* de Teresinha se materializou em todo o percurso da Doutora Rocha Pereira para conosco. Pegava os alfinetes dispersos de nossos interesses e juntava as camadas de nosso conhecimento, formando sobre o manequim auxiliar uma roupagem acadêmica de mais peso, digna de uma Helenista. Um alfinete aqui, outro ali, tomados do chão e diligentemente pregados na tessitura planejada; depois, tal qual a agulha do apólogo, ela ia levando a linha e costurando pontos e nós.

Nunca falávamos de “religião”; nos dedicávamos – por ofício – ao esforço vigilante para com o texto e às tarefas diárias de professoras e fazíamos-lo religiosamente, no miudinho, porque tudo para nós, até mesmo o ordinário e o brevíário, era mistério grande. Houve uma vez, uma vez somente, em que, entrando no gabinete da diretora do Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos da Universidade de Coimbra, disse-lhe, entusiasmada após uma visita ao Carmelo Santa Teresa: “Professora, a senhora não acha Teresa de Ávila genial?” E a Doutora, como rocha inabalável, sorriu e disse: “Sim, mas prefiro a pequena

Teresa.” Sabíamos-nos religiosas, mas falar de religião, para nós, era minimizar o tema, o melhor era guardar silêncio e falar pelas ações.

Marcávamos nítida separação, pois, evidentemente, as coisas da academia não são religião (para alguns talvez; há jovens, adultos e velhos que parecem defender até à morte sua bibliografia. Temos, deste modo, os “seguidores” de Platão; os de Homero; os de Derrida; os freudianos, os foucaultianos, os marxistas, os céticos, os devotos da gnose...). Um dia, em sala de aula, no meu descuido pessoal particular “critiquei” com força Platão... Houve logo um reboliço, um dos alunos se levantou inflamado e *adrenalizado*, pôs-se com o dedo em riste e advertiu, feroz: “a senhora não conhece Platão!” Respondi de imediato: “Não mesmo, sei que nunca o vi de perto, somente o li, interpretei, traduzi!”, ponderei.... Que susto levamos com aquela manifestação demasiado ardorosa e juvenil. Ao fim, até aprovei.

Mas gostamos de supor que os acadêmicos são livres-pensadores e tomam de cada um e de todos, quase antropofagicamente, o que eles têm de melhor. Bom mesmo é não misturar academia e religião. Isso nos parece perigoso, todavia, se religião é vida e hábito, ela transparece leve e sutil. Não cabem, pensamos, conversas nesta zona de tensão. Os valores, os gestos e o modo de ser falam sem palavras e – mesmo com esforço e até escrúpulos de vigilância – invadem o trabalho cotidiano.

Foi o que aconteceu na trajetória de orientação praticada pela Professora Rocha Pereira conosco. Ela, morando bem pertinho da Universidade (Praceta da Avenida Dias da Silva nº1, r/c) – e cultivando o apreço pelo Carmelo de Santa Teresa – onde residiu Irmã Lúcia de Jesus Rosa dos Santos, uma das pastorinhas de Fátima (Rua de Santa Teresa, 16) –, ia, todos os dias, pela rua do Carmelo de Coimbra; seguindo sempre a pé para o trabalho. Eu (no singular), enquanto morei em Cruz de Celas, também seguia a pé, mas sem tentar as carmelitas. Ia quase sempre cortando caminho, buscando atalhos à brasileira, pelo Parque de Santa Cruz e pelos Jardins da Sereia. No trajeto fazia musculação e subia as escadas monumentais da UC. Não sabíamos que estávamos

destinadas a sermos, de algum modo, ambas, carmelitas leigas de alfinetes e linhas.

Professora catedrática já na ocasião, a Doutora aceitou orientar uma recém-formada mais encantada com a linguística gerativista do que com o classicismo. De fato, o grego na Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais (FALE-UFMG) só tardiamente se consolidou. Nossa prova de entrada como “professor auxiliar nível 1” foi uma tradução de Esopo. Hoje, estudamos Esopo já no 1º semestre do curso de grego. Todavia, sem grandes ressalvas e no início de longuíssimo percurso, a Doutora Rocha Pereira dispôs-se a ser, na pesquisa proposta, uma simples “coorientadora” (pois não foi possível, pelo regulamento da UFMG, tornar-se ela a orientadora principal) a pegar alfinetes do chão e juntar tessituras. Com o tempo ela assumiu as rédeas de uma orientação mais profunda e crítica, que corrigiu meus rumos e me levou ao não desprezível universo da língua grega e de mistérios ainda não resolvidos nos flutuantes textos de Homero.

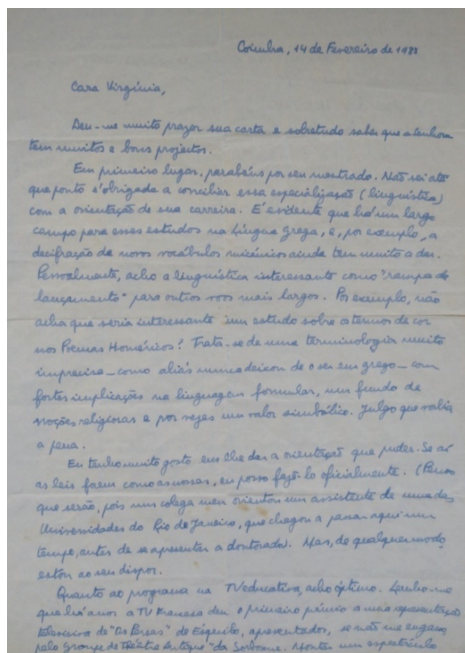
165

Em 14 de fevereiro de 1983 começamos, concretamente, nossa orientação por cartas. Vê-se, entremeado à delicadeza escrita, um enfrentamento direto dos problemas seguido de um redirecionamento da empreitada proposta. Rocha Pereira fê-lo – sem esmagamento – sobretudo na lida com a barafunda⁹ dos nossos múltiplos interesses. Registrando seus limites (“Eu tenho muito gosto em lhe dar a orientação que puder. (...) de qualquer modo estou a seu dispor.”). Vale a pena destacar o incentivo da doutora, sem obstaculizar os projetos iniciais, particularmente no trecho abaixo:

⁹ O termo se pretende técnico, ou seja, do Aulete Digital: (ba.ra.fun.da) sf. 1. Quantidade de coisas ou pessoas em desordem; BAGUNÇA: uma barafunda de dados: O ministro fez sua declaração em meio a uma barafunda de repórteres. 2. Situação em que reina a desordem; pandemônio, confusão: “Foi uma barafunda, (...) uns fugiam abandonando os lugares, outros riam do espetáculo.” (Graça Aranha, *Canaã*); 3. Bordado de agulha em pano de linho, com abertos ou crivos, imitando a renda. [F.: De or. obsc.].

“Pessoalmente, acho a linguística interessante como ‘rampa de lançamento’ para voos mais largos. Por exemplo, não acha que seria interessante um estudo sobre os termos de cor nos Poemas Homéricos? Trata-se de uma terminologia muito imprecisa – como aliás nunca deixou de o ser em grego – com fortes implicações na linguagem formular, um fundo de noções religiosas e por vezes de valor simbólico. Julgo que valia a pena.”

Essa sugestão foi aos poucos abrindo outras janelas e horizontes com quadros mais bem definidos. A sugestão sutil dada nesta carta reverberou até hoje e pode ser lida em uma publicação mais ou menos recente¹⁰ e, diligentemente, ver-se-á, foram redirecionados todos os nossos trabalhos de vida. Vejamos a carta.



10 Barbosa, T. V. R. (2018). “Safo 31 Voigt – mil traduções e mais uma”. *Revista da Anpoll*, 1(44): 231–245. <https://doi.org/10.18309/anp.v1i44.1142>.

deuses o que é difícil, embora aí, não faltam nem excelentes actores, nem uma quadra técnica. Neste momento, vai a começar a se o que vai começar já - o início das novas traduções de tragédias gregas, ou seja, todas as que não estão sagotadas. São todas para a Biblioteca de Alexandria.

A ideia das "Histórias que já" os gregos cantaram também para muito boa. Era interessante ilustrar com os seus gestos e quando fossem ditos, com paisagens. Talvez consigam convencer a Embaixada da Grécia a dar o melhor filhas e dispostos.

Julgo que também seria interessante usar, para alguns do curso de estudos de 1º ano, aqueles textos agrupados por ciclo temático de "Lendas", que se já aí chegou.

Os Evangelistas também são um bom começo. Mas talvez seja mais fácil e mais "lúdico" no mesmo tempo principiar por S. Lucas.

Volto a dizer que muito espero da sua inteligência, entusiasmo e dedicação. E que sempre esteja disposto a ajudar se eu que puder.

Lembranças para Eneides e beijos às crianças. Um abraço a quem ainda nos conhece - e para você os melhores votos de muito sucesso nos seus trabalhos, com muito carinho da

Maria Helena da Rocha Pereira

Por um lado também todos no Departamento, sem esquecer Mary.

167

Não há dúvidas de que a aceitação de se dedicar a esta orientação mesmo a distância foi-nos, além de muito honrosa, necessária e urgente, pois – se não nos conduziu exclusivamente para o grego – o prognóstico envidado no início do mestrado haveria de se realizar mais tarde, depois de concluídas as disciplinas obrigatórias que disputavam com as tarefas da docência na mesma faculdade.

Passamos por e para Homero no mestrado e realmente ficamos com ele para sempre, embora tenhamos seguido pelos estudos de teatro também sugeridos nesta primeira carta. E o mérito de nossa orientadora portuguesa – que atuou harmonicamente com o Professor John Ross, orientador oficial que assumiu a condução substituindo Eunice Pontes e atuando como professor visitante pelo programa de Pós-Graduação em Letras na Fale-UFMG – foi notável. Ela foi capaz de conciliar personalidades e posturas teóricas distintíssimas e nunca fechou as portas de nossa imaginação inquieta nem mesmo para o inci-

piente projeto “Contos de Mitologia”, que levava as narrativas míticas a escolas públicas de ensino fundamental e médio, que, segundo ela, deveriam ser ilustradas com vasos gregos.

Gostaríamos de realçar, ainda, o influxo de Rocha Pereira no ensino básico do grego em nossos cursos de graduação, pois a indicação de iniciar os estudos de língua nos cursos de extensão através do *Evangelho de Lucas* – ideia ventilada em conversa com Jacyntho Lins Brandão e que o grande mestre assimilou e utilizou optando, entretanto, pelo *Evangelho de João*, ao iniciar o método *Helleniká* (1ª edição em 2005, 2ª edição em 2009) – em nossos cursos de grego. Em 2020, o mesmo *insight* serviu de base para produzirmos o curso de grego online assíncrono (em parceria com Marina Pelucci) para o Centro de Extensão da FALE-UFMG. No novo método desenvolvemos o estudo da *koiné* através do *Evangelho de Mateus*, com o apoio teórico da sociolinguística aliada aos estudos de literatura comparada.

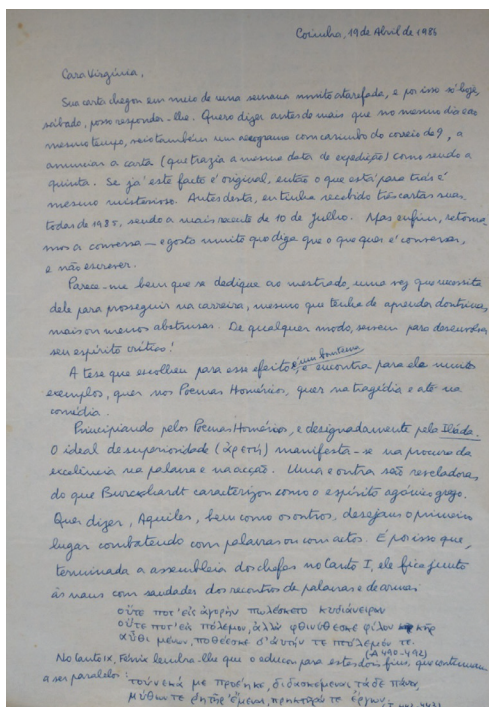
168

Cinco meses depois daquela inaugural, vem uma nova carta – e não se assuste, leitor, não vamos comentar as centenas de cartas recebidas e enviadas – ensinando noções básicas, preliminares mesmo (que deveriam ter sido aprendidas antes e que revelam certa precariedade de nossos estudos clássicos na UFMG na década de 1980).

O trabalho vai se adiantando. Este mestrado foi, deveras e como afirmamos, penosamente estendido. A paixão pelo grego demorou seis anos para se acender; meu fascínio era outro, buscava a estrutura profunda da linguagem, coisa que me instiga, ainda, e que se concretiza na tradução de textos do grego para o português. Além disso, a pesquisa chegou junto com a concepção, a licença-maternidade, a parturição, a amamentação, a criação e formação de três filhas, pois que o caçula ficou reservado para o doutorado. Os anos se passaram e “curtimos” – em todos os significados do verbo “curtir” – o mestrado.

Em 17 de junho de 1985 tudo estava já bem delineado. Era *kairós*. O plano de trabalho esboçado com clareza se sustentava prioritariamente na bibliografia dos Estudos Clássicos e nas edições consolidadas e

recomendadas pelos especialistas. Tudo nos chegava às mãos generosamente de Portugal: livros, artigos e “fotocópias” de obras recentes e já esgotadas. Caminhamos bem; a paciência de nossa orientadora foi inesgotável. Limitando-nos a essa primeira etapa, vamos comentar um pequeno detalhe da carta de 19 de abril de 1986, prática que todos os orientadores sabem bem fazer: a exortação severa.



169

Dura carta, a dar-nos uma boa sacudida. Destacamos a frase:

“Mas enfim, retornemos a conversa – e gosto muito que diga que o que quer é conversar, e não escrever. Parece-me bem que se dedique ao mestrado, uma vez que necessita dele para prosseguir na carreira, mesmo que tenha de aprender doutrinas mais ou menos abstrusas. De qualquer modo, servem para desenvolver seu espírito crítico!”

Tempo de barlavento. Repreensão enfática para, logo em seguida, encaminhar-se a conversa para o conceito de *areté*: excelência com as armas e palavras. O recado estava dado: mestranda, mexa-se, caminhe para a excelência. Este norte me serve ainda hoje nas orientações que faço: fale o que é útil, não percam tempo com conversa fiada. Assim, concluídas as disciplinas, estudadas “as teorias mais ou menos abstrusas”, pusemo-nos em marcha para os estudos homéricos.

A carta de 21 de maio de 1988 é determinante. Nela Rocha Pereira afirma: “Acho que literatura e linguística hoje se aproximam de novo, e nunca deixaram de ter fronteiras conjuntas, por mais que se tente demonstrar o contrário”. Vale a pena, sem dúvida, registrar o contexto dessa assertiva. Os que lerem verão o zelo orientador, o passo a passo, a objetividade nas respostas. Ei-la completa.

170

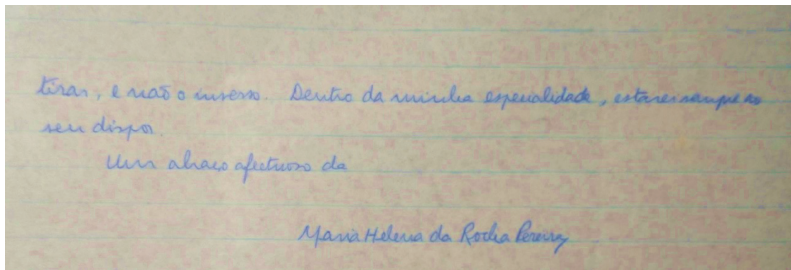
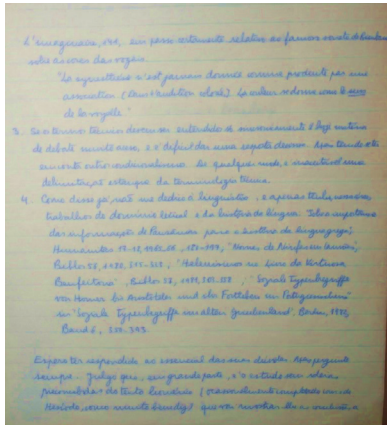
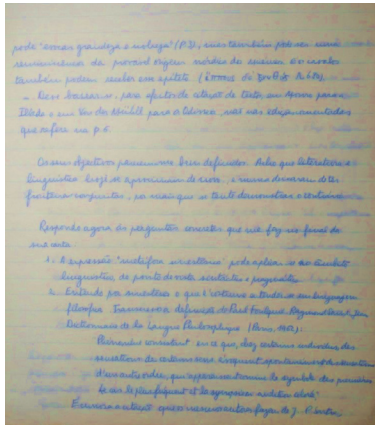
Courelles, 27 de Maio de 1988

Lara Virginie,

Li o seu projecto e estudei com atenção as propostas que faz. Eu penso
que quero orientar a sua tese no area formal (querpenteur evidentemente à
linguística). Se tem de a construa dentro de uma das multiples escolas
da linguística actual (e quase se pode dizer que cada linguista tem a sua),
não poderia ajudá-lo nesse aspecto da sua pesquisa, por isto fora do
ambito dos meus interesses. Mas a Prof. Emma Pöhl certamente fará.
Eu dari orientação na parte relativa ao grego, e a si já tenho observações a
fazer:

- É certo que o uari' é descrito com vários adjetivos, mas não se pode
garantir que falem os que nigerem a timidez aqui (Bd.), enquanto
nos fala um estudo cuidadoso do apiteto $\alpha\pi\iota\tau\epsilon\upsilon\sigma\alpha\iota$ (aplicado a
Poseidon) e $\alpha\pi\iota\tau\epsilon\upsilon\sigma\tau\eta\varsigma$ (aplicada afitante num verso como p. 60
 $\kappa\upsilon\mu\alpha$ prefixo $\rho\omicron\lambda\beta\epsilon\iota$ $\nu\epsilon\upsilon\alpha\nu\mu\epsilon\tau\epsilon\iota$ $\delta\alpha\mu\iota\gamma\epsilon\tau\alpha\upsilon\sigma$).
- O apiteto $\alpha\pi\iota\tau\epsilon\upsilon\sigma\alpha\iota$ tem de ser analisado em comparação com
 $\iota\delta\epsilon\iota\sigma\tau\alpha\iota$ e com as construções que apresenta em contextos bem diferentes,
como: $\iota\delta\epsilon\iota\sigma\tau\alpha\iota$ N 703,v.22. Naigusto, eu creio, explicou uma
de Götzel (1986) após Ebeling, sobre Homero: "assem comotopopo
exclui o conceito de transparência, mas inclui o de tempo, tam-
bém necessariamente o $\phi\iota\lambda\omicron\varsigma$ exclui o conceito de tempo e pressupõe
o de transparência como coroa essencial".

— Por outro lado, Emós aplicado ao verbo da Apollon: $\delta\epsilon\iota\sigma\tau\alpha\iota$.



Com o projeto definitivo aprovado, destacamos a atinada “determinada determinação” teresiana da Doutora Rocha Pereira: “Eu darei orientação na parte relativa ao grego, e aí já tenho observações a fazer...”. Foram observações exatas, precisas. Voltamos a elas até hoje, para traduzir com exatidão, ora iluminando o léxico e sua expressividade oral, ora privilegiando a semântica, ora destacando a morfologia e a sintaxe e os deslocamentos, ora recuperando o ritmo formular ou prosaico, seja nos poemas homéricos, seja em textos teatrais. Sempre observar as palavras em sua interação umas com as outras, recordando ademais que se define *oínopa* na interação sistêmica com *kyanokhaíta* e *kyanôpis*. Há, portanto, toda uma teoria pragmático-funcional no estudo das cores nesta carta, além da clareza no uso e na aplicação dos termos técnicos.

Enfim, a helenista não ofereceu só inestimáveis orientações epistolares da matéria em debate como também forjou uma acadêmica mais ou menos multifacetada e, sobretudo, grata a todos os que afetosamente nos acompanharam, mortos e vivos, nesse percurso. Rocha Pereira ensinou: conhecimento com sabedoria, *sophia*. Sem dúvida, ofício de alfinetes, agulhas e linha tecendo a academia, como ensinou o Joaquim Maria.



Rocha Pereira e Ribeiro Barbosa, 19 de abril de 1994.

BIBLIOGRAFIA

- Archives Carmel de Lisieux. Disponível em <https://www.archives-carmel-lisieux.fr/english/carmel/index.php/lt-161-a-170>>. Acesso em 29 jul. 2021.
- Assis, J. M. M. “Um apólogo”. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bv000269.pdf> Acesso em 29 jul. 2021.
- Barbosa, T. V. R. (2018) “Safo 31 Voigt – mil traduções e mais uma”, *Revista da Anpoll* 1(44): 231-245. <https://doi.org/10.18309/anp.v1i44.1142>
- Brandão, J. L., Saraiva, M. O. Q. & Lage, C. (2009 ²) *Helleniká. Introdução ao Grego Antigo*, Belo Horizonte: Editora UFMG.

- Lima, A. D. (1995) *Uma estranha língua? Questões de linguagem e de método*, São Paulo: Editora Unesp.
- Neves, M. H. de M. (1994) “Uma visão geral da gramática funcional”, *Alfa* 38: 109-127.
- Neves, M. H. de M. (2011) *Que gramática estudar na escola?*, São Paulo: Contexto.
- Pontes, E. (1983) “Topicalização e deslocamento para a esquerda”, *Cadernos de Linguística e Teoria da Literatura* 9: 121-151. <http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/cltl/article/view/7195>
- Pontes, E. (1987), *Da importância do tópico em português*, Campinas: Pontes.
- Ross, J. R. (1967), *Constraints on variables in syntax*. Thesis. MIT. <https://dspace.mit.edu/handle/1721.1/15166>
- Ross, J. R. (2015), “Why to syntax”. Página pessoal, disponível em <http://haj.nadamelhor.com/>

